

A Psicanálise nos Tempos da Neurociência e dos Fármacos

Por: Sérgio Henrique Kemer

Resumo:

Desde os tempos primordiais, o homem busca entender suas angústias, preocupações e anseios. Ao longo da história, surgiram métodos de pensamento e de autoconhecimento existencial, como exemplificado nas reflexões de Sócrates e René Descartes. No entanto, talvez nenhum filósofo ou escritor antigo pudesse prever que a humanidade chegaria a um conhecimento tão abrangente sobre o aparelho psíquico e seu órgão formidável: o cérebro humano.

Em minha abordagem, navegaremos pelos mares revoltos da comunicação entre diferentes linhas de pensamento. Com a ascensão da psicanálise, iniciada por Sigmund Freud em 1899 e sua obra *A Interpretação dos Sonhos (Die Traumdeutung)*, a compreensão da mente avançou significativamente. Freud, um brilhante neurologista formado em Medicina pela Universidade de Viena, apresentou conceitos revolucionários sobre o consciente e o inconsciente, lançando luz sobre questões de saúde mental prevalentes em sua época, como a histeria, e explorando problemas de ordem psicossomática.

À medida que o tempo passou, a psicanálise e as psicoterapias foram questionadas quanto à sua eficácia como métodos terapêuticos para o tratamento de patologias mentais. Com o avanço da neurociência e dos fármacos, novas técnicas e abordagens têm desafiado e enriquecido a compreensão psicanalítica, criando oportunidades para uma integração entre o saber psicoterapêutico e o conhecimento neurocientífico, o que poderia lançar luz sobre muitos aspectos, como, por exemplo, o inconsciente e os mecanismos de defesa da psique, bem como os demais temas abordados na psicanálise.

É de conhecimento amplo que, desde a fundação da psicanálise até os dias atuais, houve grande avanço nas pesquisas neurocientíficas e farmacológicas, sendo este último um ponto de interesse para muitos que visam diminuir suas dores emocionais e anseios. Neste ponto, meu objetivo não é abordar os efeitos colaterais de nenhuma medicação ou questionar os artigos e esforços científicos.

Meu objetivo também é correlacionar os estudos sobre a psicanálise por meio do que aprendi com a Academia Enlevo

Introdução:

Poderá a psicanálise sobreviver em um cenário dominado pela farmacologia e a neurociência? A grande questão é que, embora tenhamos excelentes métodos de observação do cérebro, como no caso dos seguintes: Eletroencefalograma (EEG), Ressonância Magnética Funcional (fMRI), Tomografia por Emissão de Pósitrons (PET), Magnetoencefalografia (MEG), Estimulação Magnética Transcraniana (TMS), Neuroimagem por Difusão (DTI), Ressonância Magnética Nuclear (RMN) e a Optogenética, ainda assim podemos de fato dizer que compreendemos a mente humana plenamente e que somente pela observação experimental podemos descartar a hipótese do tratamento por meio da psicanálise ou outros métodos psicoterapêuticos? Que somente por meio de fármacos podemos tratar a mente humana?

Não. O livro *Interseções entre Psicologia e Neurociências*, nas páginas 10 a 14, aborda a eficácia das psicoterapias, deixando claro na página 10, sob o tópico *Psicoterapia Como Intervenção Psicobiológica: A Próxima Fronteira*, que:

"Não somente a psicologia tradicional, mas também o processo psicoterapêutico, envolve aspectos neurobiológicos, como a ativação de receptores auditivos e o processamento de informações no sistema nervoso

central (SNC)." (LANDEIRA-FERNANDEZ; SILVA, 2007, p. 10)

O contexto citado pelo autor a cima tenta abordar como as psicoterapias, de modo geral e sem restringir a apenas um método, atuam eficazmente sobre o processo terapêutico e os componentes neurobiológicos.

O trecho acima parece generalizar e não restringir o processo terapêutico funcional apenas à psicologia, sendo generoso ao demonstrar que todas as terapias que envolvem a ativação de receptores auditivos e seu impacto no processamento de informações do sistema nervoso central são úteis, assim como observado em uma terapia psicanalítica, que envolve a escuta e a fala.

O livro aborda o tema também na página 11 ao demonstrar o exemplo de Lewis Baxter, que conduziu uma das primeiras pesquisas sobre psicoterapia e as alterações nas sinapses cerebrais semelhantes ao uso de drogas psicotrópicas. O alvo dos estudos eram pacientes com TOC (transtorno obsessivo-compulsivo). O primeiro grupo recebeu o medicamento Fluoxetina, inibidor seletivo de recaptção de serotonina; o segundo grupo recebeu psicoterapia; e o terceiro grupo não recebeu nada, sendo utilizado como grupo de controle. Tanto o grupo um quanto o grupo dois tiveram os mesmos benefícios, mas o grupo três não obteve resultados por não receber tratamento.

Quando realizei meus estudos com a Academia Enlevo, percebi que deveria ampliar minha visão sobre o campo terapêutico, pensar de modo crítico e amplo segundo a psicanálise.

Embora as pesquisas de Lewis Baxter se voltassem para a terapia cognitivo-comportamental, ampliei a questão como exercício de visualização do que se passa também em um tratamento psicanalítico. Vamos ilustrar, por exemplo:

"Joaquim procurou seu psicanalista para desabafar. Durante as sessões, o psicanalista utilizou técnicas como a associação livre e uma escuta ativa e empática, permitindo que Joaquim sentisse confiança e segurança. Essa abordagem facilitou um processo de autoquestionamento profundo, no qual Joaquim refletiu sobre suas decisões e reformulou comportamentos. Estudos de Lewis Baxter demonstram que intervenções como essas podem alterar padrões neurais, promovendo a reorganização das redes cerebrais e reforçando os benefícios da psicanálise para o bem-estar psicológico."

Então, temos o processo de escuta, fala, questionamentos e mudanças que se assemelham aos estudos conduzidos sobre psicoterapias e as modificações sinápticas em determinados circuitos cerebrais. Se sim, por que estudos mais abrangentes não foram conduzidos também incluindo a psicanálise?

O livro apresenta diversas modalidades de psicoterapias no decorrer dos anos entre 1992 até 2002, segundo a página 13, com abordagem específica em alguns momentos na TCC (terapia cognitivo-comportamental). A conclusão do tópico *Psicoterapia Como Intervenção Psicobiológica: A Próxima Fronteira*, na página 14, diz o seguinte:

"O conjunto dessas evidências aponta claramente para o fato de que a psicoterapia, mesmo que por mecanismos ainda não suficientemente esclarecidos, atua no cérebro de maneira semelhante à terapia medicamentosa – modificando o padrão de comunicação sináptica em determinados circuitos cerebrais." (LANDEIRA-FERNANDEZ; SILVA, 2007, p. 14)

O livro cita as fontes: (Liggan e cols., 1999; Linden, 2006; Roffman e cols., 2005).

Na página 34, no terceiro parágrafo do mesmo livro, aborda a questão da psicanálise:

“Por outro lado, não foi somente a psicanálise que se manteve afastada das neurociências. Seja descaso, seja rejeição, a recíproca foi verdadeira. Na década de 1980, os tratamentos medicamentosos ganharam terreno e a biologização irrestrita do entendimento das afecções psíquicas não cansou de anunciar a morte iminente da teoria construída por Freud.”

Neste ponto, o livro faz um reconhecimento da responsabilidade das demais linhas de pensamento ao abordar a “rejeição” e a “recíproca” por parte da neurociência.

Este comentário considera o modo como a psicanálise, com seu foco subjetivo, foi vista como incompatível com a objetividade das ciências naturais, especialmente em relação à neurociência.

Considero, no entanto, que a psicanálise, como meio de abordagem psicoterapêutica, poderia também, de fato, estar englobada em propostas de tratamento psicobiológico, pois os estudos comprovam a ativação de receptores auditivos e o processamento de informações no sistema nervoso central (SNC).

Antes de abordarmos em discussão o assunto, vamos nos concentrar em uma pesquisa que realizei logo após pensar profundamente sobre a sobrevivência da psicanálise nos dias atuais:

Materiais e Métodos

No dia 09/11/2024, às 17h39, procurei pela palavra-chave "Psicanálise" no YouTube. Escolhi o YouTube por seu valor de divulgação em massa, funcionando como uma rede social que facilita a observação pública e a coleta de opiniões. O método utilizado foi a análise dos 50 principais comentários, considerados mais relevantes pelo algoritmo da plataforma.

Dado o objetivo da pesquisa, busquei um vídeo que apresentasse um argumento com potencial impacto negativo sobre a psicanálise nos dias atuais. Após a busca pela palavra-chave, selecionei o sétimo vídeo, já que os vídeos anteriores eram apenas introdutórios ou favoráveis à psicanálise, não oferecendo um contraponto relevante. O vídeo escolhido foi: "Natália Pasternak diz que psicanálise é pseudociência: 'Sem comprovação científica'".

Este vídeo foi escolhido pelo critério de ser um dos primeiros a abordar a psicanálise como pseudociência, também pela porta-voz Natália Pasternak Taschner, por seu grau de influência.

Segundo o Wikipédia:

"Natália Pasternak Taschner é uma bióloga e divulgadora científica brasileira. É a fundadora e primeira presidente do Instituto Questão de Ciência e a primeira brasileira a integrar o Comitê para a Investigação Cética" (WIKIPÉDIA, 2024).

As limitações desse método incluem o viés algorítmico do YouTube, que prioriza certos comentários com base em interações e relevância para os usuários da plataforma, mas que pode não representar a opinião pública como um todo. Esta pode ser justificadamente uma base de partida a ser revista futuramente por outros estudiosos, utilizando métodos de aferição pública mais precisos.

Resultados

O resultado foi colhido no dia 09/11/2024, e a coleta terminou às 18h31. Dos comentários principais, pude colher o seguinte resultado geral do grupo de 50 pessoas:

Como foi feita a análise e coleta de dados?

Coleta de um grupo de 50 comentários principais se deu do seguinte modo:

Por meio da contagem de cima para baixo, dos comentários mais relevantes até os menos relevantes em curtidas e pela avaliação do viés do conteúdo escrito nos comentários, se eram favoráveis, desfavoráveis ou neutros e mistos, sem levar em conta os subcomentários dentro dos comentários principais.

- 41 pessoas foram favoráveis à psicanálise e contrariaram Natália Pasternak de que a Psicanálise seja uma pseudociência
- 4 pessoas tiveram opiniões neutras ou mistas
- 5 pessoas foram favoráveis às opiniões de Natália Pasternak de que a Psicanálise seja uma pseudociência

Para mim, está coleta de informação do vídeo, me fez perceber que muitas pessoas não aceitaram prontamente as argumentações apresentadas contra a psicanálise, que em sua maioria as pessoas têm uma opinião muito otimista quanto ao futuro da Psicanálise.

Limitações sobre a coleta das informações:

As limitações desse método incluem o viés algorítmico, que pode mudar conforme o dia e hora da pesquisa; no entanto, mantém um padrão quase constante em opiniões mais relevantes e pode sofrer pequenas alterações.

Salientando novamente que apenas 50 comentários podem não ser representativos de toda a base de usuários do YouTube ou da opinião pública em geral.

Importante dizer que embora eu tenha ouvido toda a argumentação do vídeo, não vou me dedicar a analisar e responder detalhadamente a cada argumento do vídeo, servindo este de material de acesso para minha pesquisa de opinião e acesso prático pra quem quiser consultar.

Com as aulas de filosofia e psicanálise, fomos incentivados a questionar nossas percepções do que consideramos realidade, averiguando detalhadamente, ponto a ponto, nosso conceito de realidade de mundo. Ao objetivar a pesquisa, observei que Freud, como precursor de ideias promissoras, foi de fato um gênio, mas que algumas de suas ideias e concepções precisariam de atualizações e adaptações aos novos entendimentos, à luz da neurociência, com o passar do tempo.

Com as aulas sobre os ensinamentos de Sócrates e Platão e o uso da retórica, me questionei quanto as declarações contidas no vídeo.

No entanto, a declaração enfática de Natália Pasternak, ao afirmar que a psicanálise é pseudociência, “sem comprovação científica”, me pareceu pouco científico e ético, já que ela mesma afirma no vídeo: “Eu não sou especialista sobre saúde mental.”

O elemento humano citado por ela, bem como os meios “empáticos” de uma conversa de “amigos”, são elementos aos quais a própria neurociência faz referência. Segundo Frans de Waal e Stephanie Preston, a empatia envolve várias áreas do cérebro, especialmente dentro e ao redor do sistema límbico, que processa emoções e respostas (Waal; Preston, 2017).

Waal, F., Preston, S. (2017). Empatia em mamíferos: manifestações comportamentais e base neural. *Nature Reviews Neuroscience*, 18, 498–509.

A empatia é objeto de estudos nas áreas de Fortalecimento de Laços Sociais, Bem-Estar

Emocional, Regulação Emocional, Reciprocidade Social, Saúde Mental e Física.

As observações no campo da empatia são de amplo interesse da ciência, mas em seu diálogo no vídeo do YouTube, Pasternak tenta descredibilizar a psicanálise, argumentando que não são as técnicas psicanalíticas em si que produzem resultados. Esse argumento pode ser questionado pelo simples fato de que as técnicas que a psicanálise emprega são meios verdadeiramente eficazes de promover a empatia, por meio da associação livre prevista por Freud e da escuta ativa sem julgamento, bem como a exploração das manifestações do subconsciente, a saber:

O Id o Ego e o Superego.

Discussão:

A psicanálise em xeque-mate, pela falácia da “pseudociência”?

Para entendermos um pouco mais profundamente a questão, é necessário citar Karl Raimund Popper. Popper foi um filósofo do século XX que desenvolveu uma visão de método científico chamada de falseabilidade. Para Popper, uma teoria só é verdadeiramente científica se puder fazer previsões que possam ser testadas e potencialmente desmentidas por observações ou experimentos.

No entanto, muitas pessoas, ao se referirem à psicanálise como pseudociência, na verdade utilizam e compartilham a visão amplamente aceita por Popper, visto que os conceitos de Freud, como a interpretação dos sonhos e a dinâmica do inconsciente, são difíceis de testar ou refutar de maneira objetiva.

Devemos, então, expandir esse pensamento para uma questão mais ampla sobre o que é ciência, quais são suas margens de tolerância e se aquilo que não se enquadra no que pode ser testado e refutado pode, de fato, ser considerado ciência.

Neste caso, seria sensato dizer que muitas coisas aceitas por áreas da ciência não passariam pelo crivo crítico da visão de falseabilidade proposto por Popper, por exemplo: teorias não testáveis, como certas interpretações da Teoria das Cordas (física teórica), matéria escura, estudos sobre a consciência, modelos climáticos de previsão de longo prazo, neurologia sobre aspectos subjetivos da mente, teoria das dimensões extras, interpretação de Copenhague da mecânica quântica, entre outras coisas.

Minha questão é: deveríamos desistir de todos os estudos que não se enquadram na visão de Popper ou este seria um sensato convite a rever criteriosamente o conceito do que pode ser considerado ciência para o nosso século?

De forma geral, percebe-se uma tendência crescente de utilizar o termo “pseudociência” como um meio de descredibilizar práticas que não se alinham com os parâmetros das ciências naturais, além de desencorajar a interdisciplinaridade.

Então somos novamente desafiados a nos questionar e para aqueles que aceitam tais questões, contrapor essa abordagem, um campo de diálogo entre as diversas correntes de pensamento é, de fato, o método mais humano, científico e construtivo possível. Nesse sentido, é fundamental observar e explorar os pontos de conexão entre a psicanálise e a neurociência, que podem proporcionar uma compreensão mais rica e integrada da saúde mental.

Neuropsicanálise: a junção de dois mundos

A Sociedade Internacional de Neuropsicanálise foi fundada em 2000 com o objetivo de estabelecer uma linha de diálogo entre psicanálise e neurociência.

Seria muito difícil abordar este tema sem mencionar Mark Solms, um dos fundadores da

Sociedade Internacional de Neuropsicanálise. Solms é um psicanalista e neuropsicólogo sul-africano que passou a estudar os mecanismos cerebrais do sonho e o uso do método psicanalítico, alinhando-se aos conceitos das neurociências atuais.

Para isso, passou a estudar as atividades relacionadas à memória. Um dos temas levados à luz da neurociência foi o mecanismo de defesa chamado recalque.

Em uma das aulas da Academia Enlevo, o professor Ulisses fala sobre vários mecanismos de defesa, sendo o recalque (Freud, 1900) um importante mecanismo:

“Recalque é quando o indivíduo pega ações, pensamentos e desejos e os bane para o inconsciente” (Academia Enlevo, módulo 9, sobre Freud, cap. 3, aula 1: Mecanismos de Defesa).

No mesmo livro que já mencionei, *Interseção Entre Psicologia e Neurociências*, no capítulo “Psicanálise e Neurociências: Condições, Experimentações e Clínica”, diz-se, na página 35, no penúltimo parágrafo, assim como em todo o capítulo que aborda a neuropsicanálise:

“Sabe-se desde a década de 1970, por meio de experimentos realizados por Roger Sperry (1969), que o hemisfério esquerdo é responsável por processos conscientes plenos, mediados por processos linguísticos.”

Diz também:

“Pessoas que vivenciaram um evento traumático podem apresentar um transtorno dissociativo em que a memória explícita do evento traumático é banida, ao mesmo tempo que sua memória emocional permanece ativa” (Kandell, 1999; Lewis, 1995; Olds e Cooper, 1997; Pally, 1998; Yovel, 2000).

O autor também fala do papel do hipocampo como parte das memórias explícitas e do complexo amigdalóide, sendo que o estresse severo causa a liberação de hormônios que podem levar à morte de células hipocámpais, prejudicando, assim, o sistema de memória explícita. Contudo, os mesmos agentes químicos são mencionados como estimulando o complexo amigdalóide.

Em resumo, trata-se de um processo natural muito semelhante ao observado por Freud com relação às suas investigações sobre o recalque, onde a memória explícita é recalçada e transformada em aspectos emocionais.

Os estudos da neuropsicanálise visam conhecer aspectos correlacionados a campos apresentados pela teoria psicanalítica e têm sido uma fonte inestimável sobre o saber mental. A neurociência e suas ferramentas de aferição do cérebro humano têm demonstrado como Freud e outros psicanalistas previram funções entendidas posteriormente e reveladas no sistema nervoso central por meio de observações científicas. No entanto, as funções psíquicas vão além das funções compreendidas ou explicadas pelo saber científico.

Para isso, podemos tomar como exemplo a síndrome de Korsakoff – quando a memória recente de um indivíduo está comprometida, prejudicando o acúmulo de informações, e o paciente passa a criar memórias fabricadas ou irreais para preencher a lacuna.

Mark Solms fala sobre as memórias irreais apresentadas:

“Há algo que emerge para preencher a lacuna deixada por esse deficit. Em resumo, há um jogo de forças dinâmico” (Mark Solms, 2008, p. 177).

Fica claro para nós que, de algum modo, o conjunto do aparelho psíquico trabalha de

forma ainda não plenamente compreendida, para fabricar memórias em algum tipo de esforço de preservação do que Freud chamou de “Ego”.

Ainda como exemplo de questões que só seriam plenamente entendidas pela neurociência posteriormente, foi que, em 1895, Freud esboçou o conceito de sinapses, chamando o fenômeno de “facilitações”.

Mas as linhas de diálogo vão muito além, com muitos conceitos da psicanálise sendo comprovados. Como exemplo, temos:

- A existência do inconsciente por processos cerebrais inconscientes. Estudos usando ressonância magnética funcional (fMRI) mostram que o cérebro toma decisões antes de a pessoa estar ciente delas, reforçando a ideia central da psicanálise de que o inconsciente influencia o comportamento.
- A atividade neural durante o sono REM, associada aos sonhos, revela conexões entre experiências emocionais e memórias.
- Regiões cerebrais, como as amígdalas e o hipocampo, muitas vezes associadas a estudos sobre conflitos emocionais, corroboram a teoria psicanalítica de que conflitos internos podem levar a sintomas psicológicos.
- Estudos sobre a primeira infância e seu impacto no desenvolvimento infantil se alinham perfeitamente com muitos conceitos abordados por Freud, Anna Freud e Melanie Klein.
- A neurociência reconhece o papel do sistema límbico (emoções) e do córtex pré-frontal (racionalidade) na tomada de decisões. Assim, ao observarmos as aulas sobre o id (desejos), ego (racionalidade) e superego (moralidade), podemos verificar amplamente como esses conceitos se sustentam.

Ao fazer as pesquisas que aqui apresento, considero que alguns que se dirigem à psicanálise de modo debochado carecem do conhecimento, seja na área da psicanálise ou no ramo científico da neurociência.

Hoje em dia, sabemos que traumas psicológicos podem ter impacto significativo sobre o cérebro, deixando também vestígios patológicos sobre a saúde mental. Partes do cérebro, como a amígdala, o hipocampo e o córtex pré-frontal, são afetadas de formas diferentes.

Nas contribuições da neurociência, a memória implícita (inconsciente) e explícita (consciente) alinham-se com a visão freudiana do aparelho psíquico.

Depois de discorrer sobre o tema, ainda temos que nos perguntar sobre o tratamento medicamentoso.

O avanço nos fármacos como meio de tratamento é o fim para a psicanálise?

Inegavelmente, muitas pessoas precisam recorrer a medicações psicotrópicas para tratar problemas de saúde mental. O avanço farmacológico e científico foi indispensável e parecia ser a pedra que afundaria de vez os conceitos da psicanálise no fundo do oceano da razão humana.

Tal qual o conto de Aldous Huxley em *Admirável Mundo Novo* (1932), a felicidade parecia estar contida dentro de uma pílula em meados de 1950, no alvorecer dos avanços farmacológicos. Contudo, muitas pessoas perceberam que isso também tinha um preço, entre o equilíbrio do alívio de sintomas e seus efeitos colaterais.

No livro de Adriano Messias, *Psicanálise e Neurociências: Um Diálogo Possível?*, consta na página 24, parágrafo 3:

“Afim de contas, em nossos dias a medicina ocidental confunde bom tratamento com análises subjetivas de imagens, em que o atendimento

atencioso ao paciente em sua singularidade sintomática fica em último plano frente aos infindáveis exames e diagnósticos tecnicistas, fomentadores da indústria dos quase sempre caríssimos fármacos de ponta, com a mediação de planos e seguros de saúde que tornam o médico, mais e mais, apenas um integrante do maquinismo tardocapitalista da saúde, está sempre em uma configuração compartimentada.”

Podemos, então, de outro modo que não somente por medicamentos, alterar o funcionamento do sistema nervoso central? A resposta é um retumbante **sim!**

A psicanálise tem um papel fundamental ao se articular com o conhecimento compreendido pela neurociência por meio de estudos sobre neuroplasticidade — a capacidade de estruturas formadas por células nervosas de se reestruturar e moldar de modo plástico seu padrão e funcionamento, proporcionando grandes mudanças para o indivíduo e seu funcionamento psíquico e comportamental.

Assim, a neuroplasticidade, ou a capacidade do cérebro de mudar ao longo do tempo, fornece uma base científica para os efeitos de longo prazo da psicoterapia, incluindo a psicanálise. Mudanças nas redes neurais após a terapia demonstram que trabalhar com conteúdos inconscientes, de fato, reestrutura padrões cerebrais (Kandel, 1998; Doidge, 2007).

Conclusão

Ficou claro que as declarações que tentam invalidar a psicanálise e seu valor terapêutico, quando submetidas ao rigor da avaliação, caem por terra, demonstrando que muitas pessoas que criticam a psicanálise, na verdade, não a conhecem profundamente. Minhas reflexões sobre a validação dela, sua sobrevivência em nossos dias com os avanços da medicina e dos fármacos, bem como os estudos em neurociência, demonstraram que:

- A psicanálise ainda possui um alto grau de relevância, podendo ser um tratamento complementar ou imediato para as dores humanas;
- É um método que promove uma compreensão profunda do indivíduo e utiliza uma abordagem empática, acessando as camadas mais profundas da psique;
- Quando analisada sob o prisma da neurociência, a psicanálise se revela uma fonte inestimável de pesquisa no campo do saber humano.

As discussões acerca da psicanálise talvez nunca se esgotem completamente, tal qual acontece com a arte, a filosofia e a própria mente humana. Neste artigo, abordamos os principais parâmetros e discussões. Propositamente, deixamos a questão: devemos respondê-las ou manter em aberto as belas dúvidas que a psicanálise evoca?

Acredito que, um dia, os humanos esquecerão seus títulos acadêmicos pomposos em prol de abraçar novamente o saber. Poderiam se debruçar sobre a interdisciplinaridade, assim como fizeram os precursores das ciências em praças públicas, teatros e anfiteatros — como na época nascente da filosofia, quando os homens concluíram que necessitavam do saber do outro. Platão, em sua alegoria da caverna, demonstrou que o véu da escuridão e do conhecimento humano pode ser dissipado quando os homens derem as mãos uns aos outros e à fonte do amor fraternal.

Conforme o *Livro de Jó 12:2* (Bíblia Sagrada, Tradução do Novo Mundo):

“Ele revela coisas profundas da escuridão,
E faz a luz brilhar sobre densas trevas.”

Agradecimentos:

Ao Deus todo Poderoso criador dos céus e da terra (Salmos 83:18)

A minha querida esposa, Cristina Lopes Kemer, meus pais Sérgio Kemer e minha mãe Maria do Carmo Florentino Fernandes, meu padrasto Cândido Fernandes Neto, meu fiel amigo Carlos Tiago que me incentivou a continuar estudando, meus amigos Joel Silvae sua esposa Verônica e seu filho o Murillo.

Agradeço de coração a Academia Enlevo pelas instruções preciosas que recebi e aos Professores e mestres: Ulisses Jadanhi, Érico João, pelas aulas de Psicanálise e Filosofia que fizeram com tanta dedicação.

Ao grupo de estudos que formamos na Academia Enlevo, sempre serei imensamente grato ao conhecimento adquirido com os colegas da Academia Enlevo.

Meus agradecimentos também ao grupo GT de Psicobiologia, Professor Gívago e Professor José Aparecido pelas aulas de Neurociências.

REFERÊNCIAS

LANDEIRA-FERNANDEZ, J.; SILVA, J. A. Interseções entre Psicologia e Neurociências. 2007.

- LIGGAN, D. Y.; et al. [Citado em 1999].
- LINDEN, D. E. J. [Citado em 2006].
- ROFFMAN, J. L.; et al. [Citado em 2005].
- Wikipédia. **Natália Pasternak Taschner**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nat%C3%A1lia_Pasternak_Taschner. Acesso em: 09 nov. 2024.
- WAAL, Frans de; PRESTON, Stephanie. *Empatia em mamíferos: manifestações comportamentais e base neural*. Nature Reviews Neuroscience, v. 18, p. 498–509, 2017.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. 1900.
- SPERRY, Roger. Hemisphere disconnection and unity in conscious awareness. *American Psychologist*, v. 23, p. 723–733, 1969.
- KANDELL, Eric. *Memory: From Mind to Molecules*. 1999.
- LEWIS, M. *Shame: The Exposed Self*. New York: The Free Press, 1995.
- OLDS, Jacqueline; COOPER, Richard. *The last dance: Encountering death and dying*. New York: McGraw-Hill, 1997.
- PALLY, Regina. The mind-brain relationship: From Freud to the present day. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 79, n. 5, p. 1017–1033, 1998.
- YOVEL, Irina. Exploring implicit memory with experimental paradigms: The case of anxiety and stress. *Anxiety, Stress, and Coping*, v. 13, p. 29–42, 2000.
- SOLMS, Mark. *The Neuropsychology of Dreams: A Clinico-anatomical Study*. Lawrence Erlbaum Associates, 2008.
- MESSIAS, Adriano. *Psicanálise e Neurociências: Um Diálogo Possível?*. São

Paulo: Cia. Editorial, 2019.